



## **Reflexões semióticas sobre o romance policial místico-religioso na leitura de um historiador**

**Resenha de MASSI, Fernanda. O romance policial místico-religioso: um subgênero de sucesso. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015.**

Carlos Eduardo Marotta Peters<sup>1</sup>

Um dos desdobramentos mais interessantes da História Cultural é a atenção dedicada aos diversos tipos de textos (não só oficiais ou políticos) produzidos pelas sociedades humanas. O historiador passou a pensar acerca das condições da escrita, das possibilidades da linguagem e das formas de leitura. A História Cultural, como corrente preocupada com os mecanismos de produção dos objetos culturais, cedo começou a se debruçar sobre as obras literárias, ainda que esse interesse não se restrinja aos grandes cânones da literatura ocidental, voltando-se também – e preferencialmente – para obras obscuras ou de maior apelo popular. A análise das intencionalidades e recepções é colocada dentro de novos parâmetros, já que os mecanismos de recepção são formas de produção de sentido. O termo *apropriação* é bastante difundido nas análises da História Cultural (Roger Chartier é um dos defensores do seu uso pelos historiadores), já que permitiria penetrar na dimensão dos *modos de uso* dos produtos culturais e de suas constantes *ressignificações*.

Essa apropriação, pelo historiador, do texto literário, demanda um diálogo com a Teoria Literária, com a Linguística e com várias outras ciências que se ocupam do objeto.

---

<sup>1</sup> Professor Doutor. Centro Universitário Toledo, UNITOLED0 (2018).

Ainda que as preocupações do historiador não sejam as mesmas que a de um teórico literário, o conhecimento dos gêneros, das convenções da escrita literária e dos conceitos manejados nesse tipo de análise pode ajudar nos questionamentos produzidos dentro do registro historiográfico.

Em minhas incursões nas análises sobre a dimensão imaginária da experiência humana, tive necessariamente que adentrar pelo universo da literatura. Estava preocupado, sobretudo, com a capacidade do registro literário de absorver a estrutura de certo imaginário coletivo e, posteriormente, ressignificar esse imaginário dentro de seus próprios parâmetros (a visão de mundo do autor) e de acordo com universo de expectativas do público leitor. Na tentativa de entender o sucesso de *best-sellers* como *O nome da Rosa* de Umberto Eco, e de obras mais contemporâneas como *O código Da Vince*, de Dan Brown, descobri o livro *O romance policial místico-religioso* de Fernanda Massi, fruto de sua tese de doutorado *Os romances policiais místicos-religiosos mais vendidos no Brasil de 1980 a 2009: questões de narratividade e de actorialização*, defendida em 2013 na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, campus de Araraquara.

A autora, tomando como suporte a semiótica discursiva de Greimas, delinea a configuração dos romances policiais, com ênfase no nível narrativo do percurso gerativo de sentido. Preocupada em entender os romances mais vendidos no Brasil no início do século XXI, ela defende que houve uma grande alteração diante do padrão de romance policial criado no século XIX. Nos novos romances, o fazer do detetive não se centraria exclusivamente na descoberta da identidade do criminoso, não sendo esse o único segredo da narrativa. O(s) assassinato(s) seria(m) apenas a ponta do iceberg, já que permitiria(m) chegar às motivações obscuras dos assassinos ou a segredos capazes de abalar as instituições religiosas ou a própria fé dos personagens e da sociedade.

Apesar da análise da autora iniciar com a obra *O nome da Rosa*, ela afirma que a primeira década do século XXI é que conheceu um grande aumento de vendas do que considera um subgênero. Suas análises das características narrativas desse subgênero de romance policial são de grande valia para o trabalho do historiador. Sua opção, contudo, pela semiótica de Greimas pode deixar os historiadores um pouco insatisfeitos com a

análise da recepção das obras. Ela levanta sim algumas pequenas hipóteses, apontando para a possibilidade dos leitores tradicionais terem começado a se interessar mais por questões místicas ou por leitores de obras místicas terem ampliado seu leque de leituras e desenvolvido certo gosto pelas narrativas policiais. Mas tais hipóteses, para serem comprovadas, precisariam de uma análise mais ampla das grandes mudanças por que passou o campo religioso na contemporaneidade e, por que não, das mudanças complexas geradas pelo letramento, pela internet e por outros fatores no gosto do público leitor.

No quarto capítulo de sua obra, a autora chega a esboçar uma análise sociológica do sucesso desse tipo de literatura, afirmando que os romances policiais místicos-religiosos foram absorvidos pelo público leitor e se tornaram best-sellers porque retratam a sociedade contemporânea em pequena escala, num mundo fictício, mas verossímil. Os grupos religiosos cujos membros se unem para defender seus segredos nos romances são, segundo a autora, como as religiões da *vida real*, em que todos os seus adeptos se comportam da mesma forma e reproduzem os discursos que consomem nas práticas religiosas que realizam. Essa análise carece de uma base documental mais sólida, deficiência que outros pesquisadores podem sanar caso se interessem por esse tema fascinante. A superficialidade da análise sociológica esboçada pela autora não constitui, contudo, uma falha em sua abordagem, já que o foco de seu trabalho é outro. No que se propõe, o livro de Fernanda Massi é uma bem elaborada contribuição para o entendimento da forma e do imaginário presente em parte da literatura contemporânea.